

# DIÁLOGO COM NELSON TEIXEIRA DE CARVALHO SOBRE A GÊNESE E O DESENVOLVIMENTO DO ENCONTRO FLUMINENSE DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

## DIALOGUE WITH NELSON TEIXEIRA DE CARVALHO ABOUT THE GENESIS AND DEVELOPMENT OF THE SCHOLL PHYSICAL EDUCATION MEETING

## DIÁLOGO COM NELSON TEIXEIRA DE CARVALHO SOBRE LA GÊNESIS Y EL DESARROLLO DEL ENCUENTRO DE EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR

Neyse Luz Muniz<sup>1</sup>

**Resumo:** No diálogo estabelecido nesta entrevista com o professor Nelson Teixeira de Carvalho, tive a oportunidade e a honra de, junto com ele, reviver uma parte da história do hoje Instituto de Educação Física – IEF- da Universidade Federal Fluminense – UFF, em especial no que se relaciona à idealização, organização e realização do “Encontro Fluminense de Educação Física Escolar” - EnFEFE. Idealizado na década de 1980 por um grupo de professores que, naquele momento, faziam parte do Programa de Pós-Graduação do então Departamento de Educação Física e Desporto- GEF da UFF, o Encontro vou realizado pela primeira vez no ano de 1996. Sua principal intenção, que persiste até os dias atuais, seria proporcionar ao professor de Educação Física, que tem como campo de atuação a escola, espaço para que pudesse apresentar o relato das experiências que vivencia em suas aulas.

**Palavras-chave:** Entrevista 1. Educação Física Escolar 2. Encontro Fluminense de Educação Física Escolar 3. EnFEFE 4.

**Abstract:** In the dialogue established in this interview with professor Nelson Teixeira de Carvalho, I had the opportunity and the honor of reviving with him a part of the history of today's Institute of Physical Education – IEF of Universidade Federal Fluminense – UFF, especially in what concerns the idealization, organization and realization of the “Fluminense School Physical Education Meeting” – EnFEFE. Idealized in the 80's by a group of professors who at that time were part of the graduate program of the then Department of Physical Education and Sport – GEF at UFF. The Meeting will be held for the first time in 1996, with the intention of providing, to the teacher of physical education, whose field of action is the school, a space for him to present an account of the experiences they have in their classes. Intent that remains today.

**Keywords:** Interview 1. School Physical Education 2. Fluminense School Physical Education Meeting 3. EnFEFE 4.

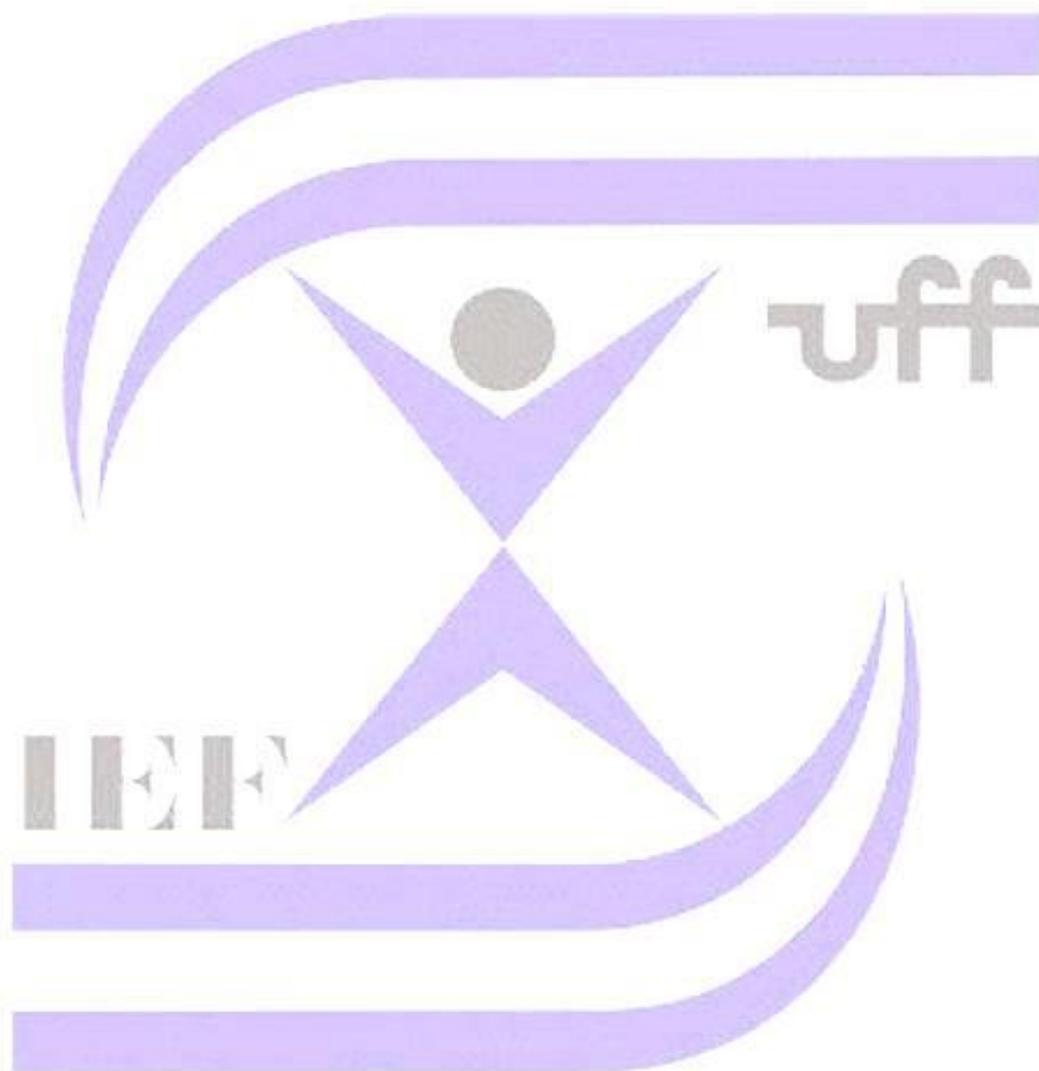
**Resumen:** En el diálogo establecido en esta entrevista con el profesor Nelson Teixeira de Carvalho, tuve la oportunidad y el honor junto con el para revivir una parte de la historia del Instituto de Educación Física de hoy – IEF de la Universidade federal Fluminense – UFF, especialmente en lo que se refiere a la idealización, organización y realización del “Encuentro de Educación Física Escolar Fluminense” – EnFEFE. Creado em la década de 1980 por un

---

<sup>1</sup>Mestre pela Universidade Gama Filho e Doutoranda do programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal Fluminense. Professora Adjunta do Curso de Licenciatura em Educação Física do Instituto de Educação Física da Universidade Federal Fluminense. [neysemuniz@globo.com](mailto:neysemuniz@globo.com).

grupo de docentes que en ese momento formaban parte del programa de posgrado del entonces Departamento de Educación Física y Deporte – GEF de la UFF. El Encuentro se realizará por primera vez en 1996, con la intención de brindar al docente de educación física, cuyo campo de acción es la escuela, un espacio para que presente el relato de las experiencias que vive en sus clases. Intención que permanece hoy.

**Palabras clave:** Entrevista 1. Educación Física Escolar 2. Encuentro de Educación Física del Colegio Fluminense 3. EnFEFE 4.



## 1 INTRODUÇÃO

O momento de distanciamento imposto pelo contexto social pandêmico que estamos vivendo não permitiu que a entrevista com o professor mestre Nelson Teixeira de Carvalho ocorresse de forma presencial. Assim, de forma remota, procurei estabelecer com ele um ambiente que possibilitasse, em nosso diálogo, resgatar a história da criação, organização e desenvolvimento do Encontro Fluminense de Educação Física Escolar – EnFEFE.

Não posso deixar de registrar minha imensa alegria ao receber o convite para dialogar com o Nelson, pois tive a oportunidade, junto com um grupo de professores do setor de pós-graduação do Instituto de Educação Física – IEF/Universidade Federal Fluminense –UFF, de participar da organização e desenvolvimento desse evento desde sua primeira edição, em 1996, porém, não tinha conhecimento, até o momento de nossa entrevista, de detalhes ligados às motivações de sua idealização.

Também não poderia iniciar esse resgate histórico sem fazer uma breve apresentação do professor Nelson Teixeira de Carvalho. Esse amigo e companheiro de luta por uma educação pública, gratuita e de qualidade passa a integrar o quadro de docentes da Universidade Federal Fluminense – UFF, em agosto de 1975, para atender às exigências legais de oferecimento obrigatório de dois créditos de prática desportiva para todos os cursos das Universidades. Durante os 46 anos em que trabalhou na UFF, vivenciou e participou de diferentes momentos no processo de transformação da então Coordenação de Educação Física, passando, em 1984, pela criação do Departamento de Educação Física e Desportos até sua transformação em Instituto de Educação Física. Nesse percurso, além do EnFEFE, também participou da idealização da revista “Perspectiva em Educação Física Escolar” cujo primeiro número foi lançado no ano de 1996.

A opção por estabelecer um diálogo nesta entrevista foi feita por compreender que a conexão que busco estabelecer com meu entrevistado no desenvolvimento de nossa conversa se pauta no respeito mútuo, na horizontalidade, com a intenção de estabelecer com o outro uma conversa amistosa sobre determinado assunto. Traçando um paralelo com a compreensão da contribuição do diálogo atribuída por Monteiro (2007) na narrativa histórica na formação do aluno, na construção desta entrevista, atribui-se ao diálogo o sentido de caminho para o resgate de um fato histórico que possibilita a compreensão da própria história e do potencial humano na sua construção.

## 2 NOSSA CONVERSA

NEYSE: Então, Nelson, falar do Encontro Fluminense de Educação Física – EnFEFE - com você não é para eu apenas ouvir a sua fala. É também recordar momentos vividos com você e com outros atores responsáveis pelo nascimento desse evento acadêmico e, por isso, tenho imensa gratidão por estabelecer esse diálogo com você. Para início de conversa, gostaria que você falasse um pouco de como surgiu a ideia da criação desse evento.

NELSON: *Bom, a ideia de organização de um evento surge na década de 80 com a criação, no então Departamento de Educação Física e Desportos – GEF, do Programa de Pós-Graduação.*

Nesse momento, meu entrevistado menciona não ter participado diretamente da criação do programa por ter ficado quatro anos afastado para realização de seu mestrado na Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, tendo a criação do programa ocorrido um pouco antes de seu retorno às atividades acadêmicas na Universidade Federal Fluminense -UFF.

NELSON: *A criação do Programa de Pós-Graduação aconteceu pouco antes de mim e Chuno<sup>1</sup> voltarmos do mestrado no Programa da Faculdade de Educação Física da UFRJ. Então, eu não estava presente, mas tenho os documentos com os registros do que aconteceu.*

O professor Nelson sempre foi muito preocupado em preservar o registro das decisões tomadas no GEF/IEF, buscando resguardar fontes que possam ser utilizadas na construção da história do IEF/UFF. Ele prossegue.

NELSON: *Em uma reunião com a presença do Waldyr<sup>2</sup>, do Tomaz<sup>3</sup>, da Léa<sup>4</sup>, do Eduardo<sup>5</sup>, do Tadeu<sup>6</sup> e o Pavão<sup>7</sup>, o pessoal que já tinha voltado do mestrado e doutorado, ocorreu meio que uma pressão para a criação, naquela época, de políticas para o departamento. Políticas de ensino, para o setor curricular, que foram as primeiras a serem criadas, políticas de pesquisa e extensão, políticas para o setor competitivo e políticas para pós-graduação e foram criadas comissões para isso.*

Importante esclarecer que, nessa época, ainda não tínhamos sido transformados em Instituto, sendo a organização funcional do departamento realizada por setores. Basicamente, o setor curricular, responsável pelo oferecimento de práticas desportivas para todos os cursos da UFF; o setor competitivo, voltado à realização das Olimpíadas

Internas da UFF; o setor de extensão, composto pelas atividades desenvolvidas pelos professores do GEF voltados para a comunidade externa a UFF, como para a comunidade interna; a pesquisa e a pós-graduação, que foram setores criados para incentivar a produção dos professores, tendo em vista a criação de cursos *lato* e *stricto sensu*. Voltemos à nossa conversa com o Nelson.

NELSON: *A comissão responsável pela política de pós-graduação, criada em 1989, definiu como ações desse setor: dar condições aos professores do GEF fazer pesquisa; dar condição aos professores irem a congressos, e nisso o Centro de Estudos Gerais – CEG foi importante, fornecendo recursos para cobrir os custos relacionados à participação nos congressos; implementar uma biblioteca dentro do departamento; planejar a criação, a médio prazo, de um curso “stricto sensu” de mestrado, isso que a gente tá em vias de realizar somente agora – olha quanto tempo; dar apoio, viabilizar estudos sobre possíveis convênios com duas Universidades de fora, a de Renner, na França, e a de Santa Fé, nos Estados Unidos, porque o Waldyr e, se não me engano o Tadeu, tinham contato nessas Universidades; planejar e montar um curso de curta duração “lato sensu”; planejar e montar um espaço para a divulgação dos nossos trabalhos e experiências, tais como: encontros, congressos, livros, revistas, etc., na época pensou-se em um caderno, para publicação da produção dos professores do GEF e que mais tarde evoluiu pra criação de uma revista e planejar e realizar um tipo de encontro.*

Nesse momento, Nelson faz uma pausa e sintetiza.

NELSON: *Então, veja só, pensou-se em botar o professor para fora, dar condição dele ir a congressos e tudo mais, participando com trabalhos que ele produziu, suas pesquisas, criar espaço pra ele publicar essas pesquisas, algo mais interno que foi chamado de caderno inicialmente e a questão do Encontro. Aí nasce a ideia embrionária do EnFEFE.*

NEYSE: Mas, Nelson, quando essa ideia começa a tomar força de concretização? Quando começa a ser pensada efetivamente a organização do Encontro?

NELSON: *Foi na década de 90, depois da criação do curso de pós-graduação “lato sensu”, que você fez parte da primeira turma, não foi?*

Respondo negativamente, lembrando-lhe que fizera parte da segunda turma e ele retoma sua narrativa.

NELSON: *O curso foi criado em 22 de outubro de 1994, com o nome “Pesquisa em Sala de Aula”, que depois mudou para Curso de Especialização em Educação Física*

*Escolar, nome que está até hoje. Eu, o Paulo<sup>8</sup> e o Chuno passamos a fazer parte do programa logo que voltamos do mestrado, mas eu só dei aula a partir da terceira turma.*

Depois desse breve comentário, Nelson passa a falar sobre como fatos ocorridos no dia a dia das turmas do curso de especialização influenciaram na forma como o EnFEFE surgiu.

NELSON: *No antigo local onde funcionava o GEF – Departamento de Educação Física e Desportos, existia um corredor comprido, onde nós instalamos dois bancos, também compridos. Tinha um corredor comprido onde ficavam bancos que a gente trouxe e colocou ali. Os alunos da especialização, nos intervalos de aula e no lanche, esses alunos que eram professores da rede pública e particular da Educação Básica, ficavam ali trocando ideias sobre os problemas que viviam no dia a dia em suas aulas. Então, começou a ser um lugar de compartilhamento.*

NEYSE: *Então, essa troca de experiências compartilhadas nesse espaço foi um ponto que inspirou a forma como o EnFEFE foi pensado?*

NELSON: *Foi sim, os professores que faziam parte do programa de pós-graduação, olhando o que acontecia, pensaram – qual seria o lugar ideal para esses professores colocarem essas coisas? Onde poderia apresentar um trabalho produzido a partir de suas experiências? Um trabalho que não era exatamente de pesquisa, aí veio a ideia de o professor da escola poder apresentar tudo isso como um relato de experiência.*

Continuando, Nelson traz para nosso diálogo outras questões que foram pensadas pelos professores que faziam parte do Programa de Pós-Graduação que poderiam facilitar a participação dos professores da Educação Básica.

NELSON: *Aí nós pensamos assim, os congressos cobram a participação, e não é barato. Então, vamos cobrar uma taxa que possibilite a participação do professor da escola e definimos a taxa de dez reais, para brigar contra essa lógica capitalista maluca dos congressos, para dar chance a esse pessoal que está na escola e que não tem dinheiro, não tem oportunidade de ter, perto da casa dele, um encontro que ele possa escutar professores de Educação Física do país inteiro falando para ele coisas que mexam com suas certezas. Então, foi a ideia principal, foi compartilhar e conversar na busca de soluções para os problemas presentes em suas aulas. Isso trouxe para o evento pessoas que não participavam do curso, mas que se interessavam pelas temáticas do encontro. Foi o que aconteceu. Com o passar do tempo, esses participantes eram quem faziam propaganda do encontro.*

NEYSE: Mas, Nelson, como eram escolhidos os temas do EnFEFE? Como foi definida a questão da temática nesse momento de criação?

NELSON: *Ela era pensada e definida dentro da experiência vivida pelo professor na escola. Brotou do cotidiano dos professores e da relação entre teoria e prática, do que era conversado naqueles momentos de intervalo de aula e lanche que eu já falei. Isso foi trazido pelo Paulo nas reuniões de organização, o cotidiano do professor de Educação Física que está na escola.*

NEYSE: As temáticas surgem, então, das problemáticas vivenciadas pelo professor de Educação Física da Educação Básica, tendo como inspiração aquelas conversas de corredor dos alunos da especialização?

NELSON: *Está ligado, Neyse. Olha só o tema do I EnFEFE – Desafios para a relação teoria e prática. Na realidade, a intenção era essa, conversar sobre os problemas que o professor enfrentava na sua prática pedagógica, desse professor que não tinha chance de participar de congressos, que não era mestre, não era doutor. Dar a oportunidade ao professor da rede municipal e estadual de participar do encontro e refletir sobre como superar os problemas que vivenciava em suas aulas.*

NEYSE: Penso que ficou bem claro a origem da criação do encontro e as questões que balizaram sua organização, mas como surge o nome Encontro Fluminense de Educação Física Escolar- EnFEFE?

NELSON: *No ano de 1996, o Paulo já tinha voltado do mestrado e já participava das reuniões do Programa de Pós-Graduação, e você também já participava dessas reuniões, mesmo que ainda não dessem aula no curso. Nessa mesma época, abriu concurso para preencher a vaga deixada por um professor que saiu para fazer mestrado. Nesse concurso, entra um cara chamado Victor Melo<sup>9</sup>, um garoto novo, mas que era “rato” de encontros, um cara que entendia o que a gente estava pensando, sabia das ideias que a gente tinha, se não eram iguais às dele, eram muito próximas. E esse cara comprou a ideia da criação do evento. O Victor organizou como se deveria fazer o encontro e nós botamos a mão na massa. Isso foi comigo e o Paulo, quer dizer, a gente brigou para isso acontecer, embora, na primeira reunião, eu tivesse dito que não daria pra gente fazer, eu fui vencido e mudei de ideia. Nessa reunião, a gente elegeu o Paulo como coordenador do primeiro encontro e eu e o Victor ficamos como subcoordenadores; você e os professores do programa fizeram parte da comissão organizadora.*

*Foi nessa reunião que o nome do encontro foi criado. Eu me lembro muito bem, o Paulo disse assim: “vamos fazer o I Encontro de Educação Física”. E ele mesmo disse: “não, não pode ser esse nome, porque é muito amplo, vamos fazer um encontro que seja regional”. Aí surgiu o nome “I Encontro Fluminense de Educação Física Escolar”. Esse encontro teve 134 pessoas, foi cobrada uma taxa de R\$ 10,00 e o convidado principal foi o Alfredo – Alfredo Gomes de Faria Junior<sup>10</sup>, que foi um dos criadores da Educação Física na UFF.*

NEYSE: Nesse I EnFEFE, o número de encontristas e de trabalhos apresentados foi relativamente pequeno, mas depois do III EnFEFE ocorreu um salto significativo, tanto no número de inscritos, quanto no de trabalhos apresentados, inclusive ultrapassando as fronteiras regionais. Como isso foi administrado em termos organizacionais?

NELSON: *Os primeiros três foram com pouca gente e a gente cobrou taxa, mas, a partir do IV ENFEFE, resolveu não cobrar mais taxa. No IV EnFEFE, a gente teve 380 participando, já no V EnFEFE, tivemos 500 pessoas. Era muita gente, muitos trabalhos a serem apresentados, o que exigiu usarmos muitas salas e os professores do GEF não conseguiriam dar conta disso. Aí eu tive a ideia de convocar os alunos que estavam no curso de especialização, eu tinha um certo trânsito com eles, uma empatia com eles, eu sempre fui assim. Então, eu falei com eles: “você topam ajudar no credenciamento e moderar as comunicações orais?” De início, eles ficaram meio inseguros, mas eu falei: “eu boto dois de vocês nas salas e um dá força para o outro”. Então, eles toparam. Do IV EnFEFE em diante, nós passamos a contar, na organização, com os alunos do curso de especialização.*

Nesse momento da entrevista, percebo a empolgação do Nelson ao falar do envolvimento dos alunos da especialização na realização do EnFEFE. Ele faz questão de contar como no VI EnFEFE isso aconteceu.

NELSON: *No VI EnFEFE aconteceu uma coisa muito legal que mostrou o envolvimento e o carinho dos alunos da especialização na realização do evento. Esses alunos ganharam o apelido de “nelcetes”, foi o Tadeu quem deu esse nome a eles. Alguns desses alunos que moravam em Niterói resolveram e, por conta própria, compraram, com o dinheiro deles, rosas para serem oferecidas às professoras que estavam participando na moderação das mesas de comunicação oral e nas mesas redondas. Essa foi uma atitude tão significativa que passou a fazer parte do EnFEFE.*

NEYSE: Eu me lembro que teve um momento, não sei direito em qual encontro, começou a haver um número grande de pessoas que se inscreviam, mas não compareciam, tirando a vaga de quem queria participar realmente. O que foi pensado para tentar resolver esse problema?

NELSON: *Isso ficou mais evidente no V EnFEFE. Lembro que a gente tinha decidido não cobrar mais taxa. Aí, no VI EnFEFE, a coisa explodiu, foram mais de 600 inscrições, e começou a aparecer alunos graduandos em Educação Física. O professor deles na graduação participava do EnFEFE e achava interessante que seus alunos também participassem. Esses graduandos se inscreviam, mas grande parte não aparecia, tirando a vaga de quem sempre participou e de professores da Educação Básica. Aí o Paulo teve a ideia de cobrarmos uma caução. O que foi isso? Na inscrição, era cobrada uma taxa que era guardada em um envelope (fosse pago em dinheiro ou em cheque), que foi devolvida a quem fizesse o credenciamento. De certa forma, isso inibiu aqueles que não tinham a certeza de poder comparecer ao evento.*

NEYSE: Você destacou a importância de iniciativas do Victor e do Paulo na organização e realização do EnFEFE. Você gostaria de destacar mais alguém?

NELSON: *O Victor foi o pavio da pólvora. O negócio podia até estar para explodir, mas estava demorando para acontecer, estava difícil de acontecer. Aí o Victor chegou e disse: “eu faço isso”. E ele tinha experiência mesmo, embora fosse um garoto. Mas todos do Programa de Pós-Graduação fomos ousados e topamos fazer com ele e por isso o EnFEFE aconteceu. Quando digo Tomaz, estou me referindo ao Waldyr, ao Tomaz, eu mesmo, o Paulo, você, enfim, aos professores que acreditaram nisso.*

NEYSE: Fazer um evento contando com poucos recursos financeiros não é fácil. Você acredita que essa foi a maior dificuldade vivenciada por esse grupo na realização do evento?

NELSON: *No início tudo foi difícil mesmo, porque a Educação Física na UFF era um departamento de ensino que não tinha seu valor reconhecido por muitos setores da Universidade. Mas a gente foi se impondo a partir de lutar pelos princípios pedagógicos que acreditamos e por assumirmos posicionamentos políticos em defesa da Universidade pública. E nosso posicionamento, de resistência acabou levando as pessoas a acreditarem na gente e passamos a ter algum apoio por parte de alguns setores da UFF, facilitando conseguirmos realizar, entre outras coisas, o EnFEFE.*

NEYSE: Então, Nelson, no transcorrer desses 25 anos desde a realização do I EnFEFE em 1996, mesmo nesse momento pandêmico, quando fomos impedidos de realizá-lo de forma presencial, eu percebo que os princípios que nortearam a sua criação ainda estão presentes. O EnFEFE continua sendo um evento que busca oportunizar ao professor da Educação Básica compartilhar suas experiências e também ser um espaço dialógico de problematização na busca de alternativas que levem à superação das determinações e dificuldades inerentes ao trabalho pedagógico no campo escolar. Então, como um último ponto deste nosso diálogo, eu gostaria de saber se você teria algum conselho, alguma sugestão para as pessoas que, com toda certeza, estarão dando continuidade ao EnFEFE?

NELSON: *Eu continuo acreditando nesses princípios e penso que é preciso continuar trazendo pessoas, como a Celi Taffarel<sup>11</sup>, o Lino Castellani<sup>12</sup>, pessoas que possam, em suas falas, trazer o discurso de justiça social. Neyse, eu estou aposentado desde 2019, e o que me levou a buscar a aposentadoria antes dos 70 anos de profissão foi ver, na minha aula de História da Educação Física, no curso de licenciatura, quando eu provocava o debate, alunos que não se mostravam dispostos a ouvir e respeitar a ideia do outro e que defendiam seus interesses individualistas. Não pensavam e não queriam pensar de forma contextualizada, em olhar para as dificuldades do outro e se sensibilizar com a desigualdade social que marca a sociedade brasileira. Penso que o EnFEFE pode continuar sendo o espaço em que possamos estar refletindo sobre propostas que considerem uma educação que possa quebrar paradigmas, que possa promover a reflexão contextualizada da sociedade. Penso que seja um espaço onde o professor possa refletir sobre aquilo que está trabalhando com seus alunos, que valores estou trabalhando, que sujeito estou ajudando a formar. Penso que o EnFEFE deve continuar sendo o lugar de compartilhamento das minhas vivências, das minhas dúvidas e de ouvir o outro e buscar parcerias na busca de tornar a sociedade justa. Se posso dar um conselho, é serem ousados, como nós fomos no passado e não se intimidem diante das dificuldades.*

Finalizando este diálogo, gostaria de agradecer ao Nelson, sua generosidade em compartilhar seu conhecimento e lembranças sobre uma parte da história do Instituto de Educação Física e, em especial, no que se refere ao registro da criação, organização e desenvolvimento do Encontro Fluminense de Educação Física Escolar – EnFEFE, de cuja organização e desenvolvimento tive a honra de presenciar e participar desde sua primeira

edição, o que foi para mim um privilégio. Esta entrevista me fez viajar no tempo e, junto com Nelson, reviver momentos de luta e de conquistas. Meu desejo, e creio que seja o desejo de todos os professores que ainda fazem parte desse Instituto, é que possamos continuar a luta pela manutenção e ampliação de espaço como o EnFEFE, espaços onde o professor de Educação Física escolar possa compartilhar, apresentar suas experiências e possa, coletivamente, lutar por uma Educação Física voltada à construção de uma educação pública, gratuita e de qualidade; uma educação que contribua significativamente para construção de uma sociedade balizada pela equidade.

## REFERÊNCIAS

MARIANO, Eufraquio Siqueira; GRANJA, Dario de Carvalho; NOVO, Benigno Núñez; **História e sua contribuição para a formação do cidadão** Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/72148/historia-e-sua-contribuicao-para-a-formacao-do-cidadao#:~:text=O%20di%C3%A1logo%20deve%20desenvolver%20os,de%20contribu%C3%A7%C3%A3o%20para%20com%20a> Acesso em: 22 abr. 2021.

---

<sup>1</sup> O professor Chuno Wanderlei de Mesquita, aposentado pela UFF, atuou como professor do curso de Pós-Graduação e Licenciatura do Instituto de Educação Física da UFF.

<sup>2</sup> Waldyr Lins de Castro, professor aposentado pela UFF, também foi professor do curso de Licenciatura do Instituto de Educação Física da UFF, participou do Programa de Pós-Graduação do Instituto desde sua criação e fez parte do grupo que idealizou o EnFEFE.

<sup>3</sup> Tomaz Leite Ribeiro (*in memoriam*), aposentado pelo Instituto de Educação Física da UFF, integrante do grupo que criou a Educação Física na UFF e também fez parte do grupo que idealizou o EnFEFE.

<sup>4</sup> Léa Laborinho, professora aposentada pelo Instituto de Educação Física da UFF, fez parte do grupo de professores que idealizou o EnFEFE.

<sup>5</sup> Eduardo Antônio Pacheco Vilella foi professor do Departamento de Educação Física da UFF, está atualmente lotado no Departamento de Turismo e Hotelaria da UFF e encontra-se em afastamento. Fez parte da idealização do EnFEFE.

<sup>6</sup> Luiz Tadeu Paes de Almeida é, atualmente, diretor do Instituto de Educação Física da UFF. Fez parte do quadro de professores do curso de Especialização e do curso de Licenciatura em Educação Física do Instituto de Educação Física. Também fez parte da idealização do EnFEFE.

<sup>7</sup> Antônio Carlos Ferreira Lopes – Pavão (*in memória*), aposentado pelo Instituto de Educação Física da UFF, fez parte do setor de Pós-Graduação que idealizou a realização do EnFEFE.

<sup>8</sup> Paulo Antônio Cresciulo de Almeida é professor do Instituto de Educação Física da UFF e primeiro coordenador do EnFEFE. Atua nos cursos de Especialização e Licenciatura do Instituto de Educação Física da UFF.

<sup>9</sup> Victor Andrade de Melo é professor da UFRJ. Junto com o professor Nelson e o professor Paulo Antônio, coordenou o I EnFEFE. Foi professor substituto do Instituto de Educação Física da UFF.

<sup>10</sup> Alfredo Gomes de Faria Júnior (*in memoriam*) se aposentou pela UFF e pela UERJ. Participou da criação da Educação Física na UFF

<sup>11</sup> Celi Nelza Zülke Taffarel, professora da Universidade Federal da Bahia, autora de diversos livros na área da Educação Física, dentre eles, “Metodologia do Ensino da Educação Física”, uma referência na área da Educação Física escolar.

---

<sup>12</sup> Lino Castellani Filho, professor aposentado pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, também é autor de diversos livros na área de Educação Física e, junto com a professora Celi Taffarel e mais quatro autores, publicou o livro “Metodologia do Ensino de Educação Física”, em 1992.

